

A AUDIODESCRIÇÃO NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL EM CONTEXTOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS- CULTURAS ESTRANGEIRAS

Mônica de Nazaré Carvalho¹; Joana Célia do Socorro Gomes de Andrade Martins²;

RESUMO

A audiodescrição é uma técnica que traduz o visual em palavras, descrevendo as imagens para pessoas com deficiência visual. Este artigo procura trazer algumas reflexões sobre a necessidade do uso desta técnica em contextos de ensino-aprendizado de línguas culturas estrangeiras, envolvendo pessoas com deficiência visual, como forma de garantir o acesso a linguagem imagética. Trata-se de um estudo desenvolvido durante a disciplina Tópicos avançados ensino-aprendizado de línguas-culturas, do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade Federal do Pará-UFPA para responder a questão central: Como aprendentes com deficiência visual, em contextos pluriculturais de ensino-aprendizagem de língua-cultura estrangeira, são levados a interagir com o outro que não percebe o meio da mesma maneira que ele? O trabalho traz para o centro da reflexão as biografias languageiras de dois participantes cegos, aprendentes da língua-cultura inglesa.

Palavras Chave: Audiodescrição, Interculturalidade, Línguas-culturas.

INTRODUÇÃO

As abordagens comunicativas contemporâneas em educação linguística defendem a necessidade de conscientizar os aprendizes sobre diferenças interculturais, como forma de imprimir nestes, atitudes de tolerância em relação a outras formas de perceber e agir no mundo, manifestadas também pela linguagem.

¹ Mestre em Educação: Saberes Culturais e Educação na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, Educação Especial, Deficiência Visual, Deficiência Intelectual, Educação de Jovens e Adultos com Deficiência e Formação de Professores. Atua como Consultora em Acessibilidade e Tradução Audiovisual Acessível-Audiodescrição. E-mail: monicanacar@gmail.com

² Mestre em Educação: Saberes Culturais e Educação na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará. Tem experiência na área da Educação, com ênfase na área da Deficiência Visual. É estudante do curso de Especialização em Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição da Universidade do Estado do Ceará. E-mail: martins.joanac@yahoo.com.br

As pessoas com deficiência visual, sejam elas cegas ou com baixa visão, são socializadas na mesma língua que pessoas que enxergam, mas fazem muitas coisas de maneira diferente. Elas acabam desenvolvendo uma forma particular de estar no mundo, com seus próprios sistemas de signo e representação. Gertus (2003) considera que "mesmo que não seja uma língua propriamente dita, a cegueira é uma outra ordem sensorial".

A educação intercultural acontecerá quando o professor propiciar a igualdade de oportunidades de todos os grupos presentes na escola e o respeito pela pluralidade, por meio de espaços de diálogo e de comunicação entre os participantes.

Os contextos de ensino-aprendizado de línguas-culturas estrangeiras, seja a sala de aula da rede de ensino, ou mesmo a sala de aula de um curso de idiomas, são ambientes plurais, onde coexistem diferentes culturas. Atualmente já identificamos nesses espaços, a presença de alunos (aprendentes) com deficiência visual, o que representa uma cultura diferente, ou uma outra cultura.

No entanto, esses espaços, privilegiam em suas metodologias de ensino, o uso de vídeos, figuras, apresentações culturais, como peças, festival de cinema, e outros espetáculos, todos ricos em imagens.

Nesse sentido, aponta-se a Audiodescrição como um recurso didático acessível necessário nesses ambientes. A audiodescrição garante o acesso "cultural e educacional de todos em relação aos acervos imagéticos como objetos de fruição, de construção do conhecimento e do desenvolvimento de experiências estéticas e artísticas". (ALVES, 2012, p. 98).

Castellotti (2004) e Bizarro; Braga (2004), enfatizam a importância do conhecimento de SI e do OUTRO, o próprio fenômeno da interação, a capacidade e o saber compreender, o saber assumir-se e comprometer-se, bem como o saber a aprender e a fazer e, ainda, o saber ser, na relativização de SI e na valorização do OUTRO.

OBJETIVOS

Identificar como o aprendente com deficiência visual é orientado a realizar suas percepções na língua-cultura alvo durante o processo de ensino-aprendizagem; Demonstrar metodologias e estratégias inclusivas por meio da acessibilidade comunicacional para deficiência visual.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, sendo ainda considerado uma pesquisa de campo e descritiva. Para (CHIZZOTTI, 2008, p. 79), a pesquisa qualitativa "parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito".

A pesquisa de campo permite conseguir informações e conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta ou de hipóteses que queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2015, p. 69).

Isso possibilitou às pesquisadoras, obterem informações sobre a maneira como os participantes construíam suas relações dialógicas no contexto observado.

Através das biografias languageiras "relato mais ou menos longo, mais ou menos completo onde uma pessoa se conta em torno de uma temática particular, a de sua relação com as línguas, onde ela apresenta uma vivência particular, um momento memorável. Ela vai, através desse procedimento, se reapropriar de sua própria história languageira tal como ela pode se constituir ao longo do tempo" (PERREGAUX, 2003, p. 83) Por meio dessa dinâmica foi possível identificar as dificuldades e barreiras que esses aprendentes vivenciam no processo de aprendizagem de uma língua-cultura.

APRENDENTE 1:

Eu até conseguia ler e escrever muito bem, agora compreender e responder com a pronúncia correta e me fazer compreender é que era a minha dificuldade.

Eu acredito que isso tem muito a ver com a questão cultural da gente. A gente, desde a infância, não foi incentivado ao exercício da língua. Eu acho que isso perpassa pela valorização social da língua, isso perpassa pelo incentivo ao turismo, pelo incentivo à participação em outras culturas imagino, enfim, eu acredito também que passa pelo próprio método ensino da língua inglesa para adultos. Eu imagino que sejam estas as dificuldades. Claro que este elemento visualizador da aprendizagem, ele tem que ser ressaltado. Quando a gente está em uma sala de aula, que a gente é o único com deficiência visual ou com cegueira, que era o meu caso, geralmente os professores, eles pronunciam os objetos com cores e atitude e denominam em inglês e mostram a imagem muitas se a pessoa cega não tiver um assessoramento de perto, isso fica impossibilitado. Se eu observar a minha trajetória nesta aprendizagem, eu aprendi a escrever e ler com uma certa competência, embora mínima, por conta que eu tinha os textos já transcritos para o sistema Braille, então era fácil reproduzir. Quanto essa questão de falar e se fazer entender e entender o que os outros estão

(85) 3322.3222

dizendo, perpassa justamente por essa maior familiarização com a língua que já exige outros processos de cognição, imagino, eu acho que uma série de elementos interferem nisso e esse elemento visualizador como normatizador da aprendizagem eu acho que é algo a ser transposto e que não foi suficiente para mim, não consegui.

Aprendente 2:

A grande dificuldade que eu tive com o inglês? Primeiro que a língua tem um tronco linguístico diferente, não é de origem latina, então aí já fica meio complicado a escrita, a pronúncia, a questão dos fonemas, também trazem uma dificuldade. E o que é que acontece no inglês? É muito visual a metodologia que os professores usam. Ele coloca lá como exemplo... vamos dizer que ele coloque uma família. Ele coloca lá um homem, uma mulher e uma criança e aponta para o aluno colocar lá pai em inglês, mãe em inglês e filho em inglês. E aí ele não pode dizer, olha é o homem, senão o cego vai estar sabendo que o homem pode associar a pai, a criança a filho, então se torna muito difícil porque ela... o método que é usado, eles usam figura como ilustração, e é muito visual.

O inglês é mais difícil, o inglês. O outro curso que eu fiz de inglês foi no Wizard, lá é mais fácil porque eles não usam o método audiovisual, é escrita e pronúncia, então eu me senti mais à vontade no Wizard.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas revelam uma consciência pluricultural dos aprendentes sobre o processo de aprendizagem e de comunicação, quando identificam, apontam e analisam o uso de recursos didático predominantemente visuais, como a causa de suas dificuldades. Revelam também a ausência da competência pluricultural entre os professores, entendida como uma competência de comunicação em línguas-culturas diferentes.

Manifestada aqui, na falta de metodologias com o uso de estratégias e recurso de acessibilidade, como a audiodescrição, o que possibilitaria uma maior interação desses aprendentes no contexto da sala de aula. Isso permite que cada indivíduo, enquanto ator social, possa interagir linguística e culturalmente em diversos contextos linguísticos. Bizarro; Braga (2004), defendem que "os professores de línguas-culturas estrangeiras devem ser preparados para o papel de mediadores entre a primeira e a segunda (terceira ou quarta) línguas-culturas de modo a que possam, por sua vez, preparar os seus alunos para funcionar em sociedades globais e multiculturais".

Para Motta (2016), a audiodescrição é uma tecnologia de acessibilidade comunicacional, também considerada uma modalidade de tradução intersemiótica que transforma o visual em verbal, ampliando significativamente o entendimento de pessoas com deficiência visual, deficiência intelectual, dislexia e outras, promovendo a inclusão, autonomia e a participação em igualdade de condições.

Embora a audiodescrição, seja uma importante forma de acessibilidade para as pessoas com deficiência visual, ainda é pouco encontrada nas escolas regulares que possuem alunos com deficiência visual e que cursam disciplinas de línguas estrangeiras, assim como, nos cursos de idiomas.

É muito comum, nesses ambientes, os recursos didáticos utilizados, como os vídeos educativos não possuírem audiodescrição, ou os professores sem formação em audiodescrição para que possam acessibilizar os materiais usados nas aulas, ou mesmo, orientar os alunos, no sentido de descrever as imagens contidas nesses materiais.



Na parte central das páginas do livro, a imagem de dois homens de perfil, um de frente para o outro, estão com os olhos fechados, as sobrancelhas e os narizes juntos. O da esquerda é jovem, careca, com tatuagens no nariz e no contorno da boca até o queixo. O da direita é idoso, com os cabelos lisos e grisalhos.

Fonte: Livro World Link Level1: Developing English Fluency, Third Edition

AD: Joana Martins



Duas mulheres com cabelos em rabo de cavalo, estão com os rostos encostados. A da esquerda é loira e usa blusa laranja. A da direita tem óculos sobre os cabelos, usa blusa verde sobre uma blusa amarela.

Fonte: Livro World Link Level1: Developing English Fluency, Third Edition

AD: Joana Martins



Dois homens de terno sorriem com as mãos dadas. O da esquerda é negro, alto e careca, segura uma mala. O da direita tem a pele clara e usa óculos.

Fonte: Livro World Link Level1: Developing English Fluency, Third Edition

AD: Joana Martins





CONCLUSÕES

O estudo confirma, por meio dos princípios da perspectiva intercultural, a necessidade de uma educação linguística que atenda as demandas pluriculturais desse mundo globalizado, bem como, uma consciência multicultural, que permita a convivência das novas gerações. O desenvolvimento de uma prática de elaboração de materiais didáticos sensíveis que reconheçam a indissociabilidade entre língua e cultura.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. A audiodescrição no contexto escolar: a imagem sendo revelada pela palavra. In: VARELLA, Maria da Conceição Bezerra, et al. Educação inclusiva e formação continuada de professores: diálogos entre teoria prática. Natal/RN: EDUFRN, 2012, V. 2, p. 87-103.

BIZARRO; BRAGA. Educação intercultural, competência plurilíngue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeiras.

Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6821.pdf>

CASTELLOTTI, Véronique; CANDELIER, Michel. Didactique(s) du (des) plurilinguisme(s),2004. Disponível em: [http://www.projetpluril.org/publis/Candelier%20&%20Castelotti%20-%20Didactique\(s\)%20du%20\(des\)%20Plurilinguisme\(s\).pdf](http://www.projetpluril.org/publis/Candelier%20&%20Castelotti%20-%20Didactique(s)%20du%20(des)%20Plurilinguisme(s).pdf)

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências sociais. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GEURTS, Kathryn Linn. Culture and the senses: bodily ways of knowing in an African community. Los Angeles: University of California Press, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo Editora Atlas S.A. 2015. 7º Edição. São Paulo: Atlas, 2015.

MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello. Audiodescrição na escola: Abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.



NANCY DOUGLAS et al. World Link Level1: Developing English Fluency, Third Edition, United States of America, 2016.

PERREGAUX, C.; DE GOUMOENS, C.; JEANNOT, D. ; DE PIETRO, J.-F. (Dir). Education au langage et ouverture aux langues à Pécole (EOLE). Neuchâtel : Secrétariat général de la CIIP, 2003.

SANTOS, E. Abordagem Comunicativa intercultural: línguas no diálogo de culturas. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Campinas, 2004.